

POR UMA EDUCAÇÃO QUE LIBERTE: A FORMAÇÃO DE JOVENS INDÍGENAS UNIVERSITÁRIOS

Adriana Gabriel Ferreira¹, Fabiana Pereira de Sousa¹, Tamara Rodrigues¹, Antonio Mendes da Silva¹, Amanda Marques²

A cada ano vem crescendo a quantidade indígenas que ingressam nas universidades brasileiras, isso mostra o quanto é importante para esses jovens ocuparem espaços de formação acadêmica. No Brasil, conforme Luciano (2006), são 2.000 a quantidade de indígenas nas universidades. O que representa ainda um pequeno percentual se considerarmos o número de jovens em idade escolar. As entradas no ensino superior ganharam expressão a partir dos anos de 1990 com as demandas de ofertas provenientes de convênios com a FUNAI e das políticas afirmativas, o que consideramos serem importantes instrumentos adotados para o contexto vivido no país. Percebe-se, entretanto que muitas vezes ocupar vagas na universidade não significa vencer os obstáculos que surgem no decorrer dos cursos. Na universidade Federal da Paraíba - UFPB, existe aproximadamente 180 indígenas autodeclarados das etnias Potiguara. Desse montante, 17 frequentam o SEAMPO. Assim, chegamos na conclusão de que esses universitários estão a cada dia, ganhando seu espaço de formação acadêmico, o que é com certeza um ganho para as populações tradicionais indígenas de modo geral, e que juntos só vem a somar. Então como para Amaral (2002) “a importância desses sujeitos em acessar, aprender, produzir e socializar conhecimentos acadêmicos vinculados, organizados e disseminados pelas várias disciplinas e curso de graduação e pós-graduação, sendo esta parte do patrimônio público que é deles e de suas comunidades por direitos. Os conhecimentos tradicionais indígenas podem ser (re) conhecido e investigados por esses sujeitos, propondo-se aos permanentes diálogos com os sábios e os mais velhos de suas comunidades, bem com os outros conhecimentos científicos produzidos por diversos especialistas nas universidades” (AMARAL, 2002, p.15). Como podemos citar, a entrevista da estudante indígena de Serviço Social, Adriana Gabriel, que ao chegar no mundo acadêmico, se deparou com algumas dificuldades. [...] O preconceito que já sofri e sofro, e dos momentos em que já pensei em desistir, para mim fazer um curso universitário é uma vitória. [...] Vi no curso a possibilidade de me qualificar em algo, que traga frutos positivos não só para mim em conhecimentos mais como o bem-estar das pessoas e da sociedade em que vivo. (Acadêmica Potiguara da Paraíba, matriculada no curso de Serviço Social, na universidade federal da Paraíba - UFPB).

Palavras-chave: Potiguara, Ensino Superior, Permanência.

Referencias bibliográfica:

<http://www.scielo.br/pdf/rbepedv93n235/14.pdf>, <http://unesdec.unesco.org/>,
http://pronacamp.mec.gov.br/imagens/pdf/bib_cad3_ed_indi_esc.pdf,
<http://www.trilhasdesconhecimentos.etc.br/livros/arquivos/Desafios.pdf>,
<http://www.fcc.or.br/pesquisa/publicações/arquivos/1277/1277.pd>.

¹Discente do curso de Serviço Social (UFPB), colaboradora, e-mail: ; Discente do curso de Mídias digitais (UFPB), colaboradora, e-mail: mfabianapsousa@gmail.com; Discente do curso de Mídias Digitais (UFPB), bolsista, e-mail: marapotiguara@gmail.com; Técnico administrativo, e-mail: amensilva@hotmail.com